

VISÃO DO CORREIO

Horário de verão, um debate necessário

Em entrevista, nesta semana, ao *Estado de Minas*, dos Diários Associados, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD), defendeu o retorno do horário de verão em 2025 como medida para diminuir o consumo de energia elétrica em meio à seca histórica que atinge o país nos últimos meses. A medida é acertada diante do aumento da dependência de fontes não renováveis, como as usinas termelétricas, para dar conta da demanda brasileira.

Ainda que a energia poupada seja menor do que em anos anteriores, qualquer esforço é justificável diante de um volume útil de apenas 50,75% dos reservatórios do sistema Sudeste/Centro-Oeste, responsável pelo abastecimento de 70% da população brasileira, segundo dados de ontem. Em Furnas, um dos principais reservatórios do país, por exemplo, o volume está ainda menor, em torno dos 40%.

Ainda assim, vale ressaltar que o comportamento atual da população é diferente do que era adotado em décadas anteriores. O uso do ar-condicionado, sobretudo em períodos de calor intenso, combinado à baixa umidade e ao uso de aparelhos eletrônicos, como TVs e celulares, se impõe mais do que outrora, o que reduz os efeitos provocados pelo horário de verão — como adiar em uma hora o acionamento das luzes das residências.

Mesmo com esse cenário, o governo federal, à frente de um país reconhecido internacionalmente por sua matriz energética sustentável, acerta ao trazer soluções. Momentos de crise exigem medidas rápidas e até mesmo impopulares. Há quem goste e há quem deteste o horário de verão. O mesmo, no entanto,

não acontece com a temida bandeira vermelha, que vigora nas tarifas de cada família desde o início do mês e aperta o já sufocado orçamento mensal.

Na esteira da discussão sobre o horário de verão, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), entidade de direito privado que controla o setor sob regulação da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), anunciou ontem que apresentará um plano para reduzir os danos da seca no país. Os detalhes serão repassados amanhã. A medida vem em boa hora sobretudo se a seca persistir em meio à chegada do verão, quando, fatalmente, o consumo de energia elétrica aumentará diante das altas temperaturas.

Além de garantir o acesso da população à energia elétrica, as duas medidas — o plano de contingência do ONS e o eventual retorno do horário de verão — têm reflexos na economia. A seca que compromete os reservatórios e, por consequência, a geração das usinas hidrelétricas, força o país a acionar as fontes termelétrica e nuclear, que são mais caras e poluem mais. No primeiro caso, essa operação pode até mesmo impactar no preço dos combustíveis na bomba, diante da maior demanda por combustíveis fósseis, como o óleo diesel.

Vale sempre lembrar, ainda, que, quando se fala em diesel, os impactos vão além e chegam a todo sistema de logística do país, altamente dependente dos veículos de carga. No fim das contas, a seca pode impactar até mesmo o preço da cesta básica nas gôndolas dos supermercados. Se o frete encarece, o produto entregue o acompanha. Portanto, qualquer esforço público é bem-vindo no momento.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

O que falta entender?

Na edição do último domingo do *Correio Braziliense*, Ana Dubeux pergunta “O que ainda falta entender?”, referindo-se às queimadas que assolam todo o país. Olha no rumo certo quando destaca ser “dever de uma sociedade inteira”. No Caderno Cidades, a reportagem Mãos que produzem água revela que, nas bacias do Píripai e do Descoberto, em razão da relação amistosa e cooperativa entre técnicos agrícolas do governo e agricultores locais, fogo e falta de água em época de seca já não ocorrem mais. A diferença que vejo é que, na microrregião, em plano técnico, a relação amistosa entre governo e população produz sucesso e, na macrorregião, no plano político, o governo não consegue reeditar relação amistosa e cooperativa com a população. Talvez, ao contrário do que pensam alguns, não basta tomar o governo para poder governar.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Saúde mental

Constatado com alegria que o *Correio Braziliense* promove novo debate sobre um tema extremamente relevante para toda a sociedade: a saúde mental. Aplausos para este jornal sempre antenado nas grandes questões que buscam debater aspectos que possam promover melhoria da qualidade de vida. Sempre que falamos desse tema, vem à nossa mente uma série de questões. O que é qualidade de vida? Quais os fatores que comprometem e interferem na nossa saúde física, social, espiritual e mental? Como podemos contribuir para uma melhor qualidade de vida na família, no mundo corporativo, na sociedade, no planeta? Ao tentar equacionar as respostas possíveis, ressalta-se, desde logo, a crença de que nossas escolhas desempenham um papel muito importante na vida e que viver com qualidade depende das opções que fazemos diante das alternativas que nos são colocadas. Promover mudanças de hábitos e de estilo de vida, desenvolver a autoestima, buscar o equilíbrio físico e mental, valorizar a afetividade são, entre outras, algumas das ações que podemos empreender para atingir nossas expectativas e objetivos. Certamente, o *Correio*, ao convidar a comunidade para debater o que afeta nossa saúde mental, nos dá o privilégio de pensar, buscar alternativas e encontrar estratégias que permitam verificar se a nossa vida vem correspondendo ao que planejamos, além de oportunizar um novo olhar sobre qualidade de vida e a grande influência que a saúde mental pode exercer na conquista do nosso bem-estar.

» **Elizabet Garcia Campos**
Asa Sul

Redes sociais

Todos nós brasileiros temos observado que as redes sociais, nestes últimos anos, vêm se tornando uma terra sem lei. Mas, de uns anos para cá, elas também têm ajudado, e muito, em investigações da Polícia Federal, do Ministério Público e de outros órgãos. A PF nunca trabalhou tanto. As redes sociais têm colaborado nas investigações, e até nas prisões de vários criminosos. Se não fosse por elas, muitos criminosos, como os que tentam aplicar golpe frustrado, os que depredam prédios públicos e obras de artes, não teriam sido condenados. Como seria para os trabalhos da PF e da justiça se não fossem as exposições nas redes sociais dos criminosos que cometem crimes e golpes financeiros, assim como outros nas redes sociais?

» **Evanildo Sales Santos**
Gama



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Poeta do rock

Agenor Miranda Araújo Neto, o Cazuza, destacou-se como um dos nomes mais relevantes do BRock, inicialmente como vocalista da banda Barão Vermelho e, depois, em carreira solo. O movimento marcou de forma barulhenta e significativa a música popular brasileira na década de 1980.

Trinta e quatro anos após o falecimento do pop star carioca, a história dele acaba de chegar ao mercado editorial com *Meu lance é poesia e Protegi teu nome por amor*. São livros que trazem registros do acervo deixado por ele, selecionados pela mãe, Lucinha Araújo, e organizados por Ramon Nunes Mello. Ambos resultam de longa e cuidadosa pesquisa.

Lançadas pela editora WMF Martins Fontes, as obras com 320 e 568 páginas, respectivamente, revelam, por meio de manuscritos, poemas e fotos, facetas nunca expostas ao público em 32 anos de vida de Cazuza. Mostram, por exemplo, que o poeta do rock soube aproveitar o fato de ter usufruído da segurança proporcionada pela família.

O pai, João Araújo, à época era presidente da gravadora Som Livre — braço musical da TV Globo. Isso lhe permitia, ainda adolescente, conviver com grandes nomes da MPB, como Caetano Veloso, Ney Matogrosso e Elis Regina, e ser paparicado em diversos ambientes — do Baixo Leblon à praia de Ipanema.

Meu lance é poesia, coletânea luxuosa com 238 poemas, entre os quais 27 inéditos, traz as primeiras versões de *Exagerado* e *Ideologia*, entre outros clássicos. Os conhecidos versos “Paixão cruel desenfreada/ Te trago mil rosas roubadas” foram escritos, inicialmente, da seguinte

forma: “Paixão cruel desenfreada/ Em Portugal te chamam fado”.

Em *Ideologia*, estrofes inteiras foram alteradas. Onde se lia “Sr. Presidente/Me encara francamente/Chega de levantar pra me receber/Sra.dama da sociedade/ Manda um convite para o último baile”, mudou-se por completo.

Lucinha, em entrevista ao *O Globo*, revelou que o processo utilizado para reunir o material usado na criação das obras certamente não agradaria ao filho. Segundo ela, Cazuza jamais publicaria o que jogava fora. Mas, deixou claro, levar a público tais rascunhos é preservar um precioso legado.

Assisti a apresentações do poeta do rock em três oportunidades. A primeira, aqui em Brasília, no Drive In, em 1983, quando ele era vocalista do Barão Vermelho. Dois anos depois, estava em meio às 200 mil pessoas na edição histórica do Rock in Rio, quando ele saudou a retomada da democracia, após a ditadura militar, ao soltar a voz em *Pro dia nascer feliz*.

Por último, no mês de junho daquele ano, marquei presença no show em que a banda lotou o ginásio Nilson Nelson. Antes, no fim da manhã, ele me concedeu uma longa — e rara — entrevista. Gay assumido, em certo momento da conversa afirmou: “Eu tenho horror de gueto. Quero viver num mundo diferente, em que possa conviver igual com todo mundo”.

O texto serviu de base para *Um iconoclasta exagerado*, título de um dos capítulos do *Minha trilha sonora*, livro que lancei, no fim de 2015, para comemorar 40 anos como repórter e colunista do *Correio Braziliense*.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 WhatsApp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

ANJ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br